

A criatividade indígena e a cultura material

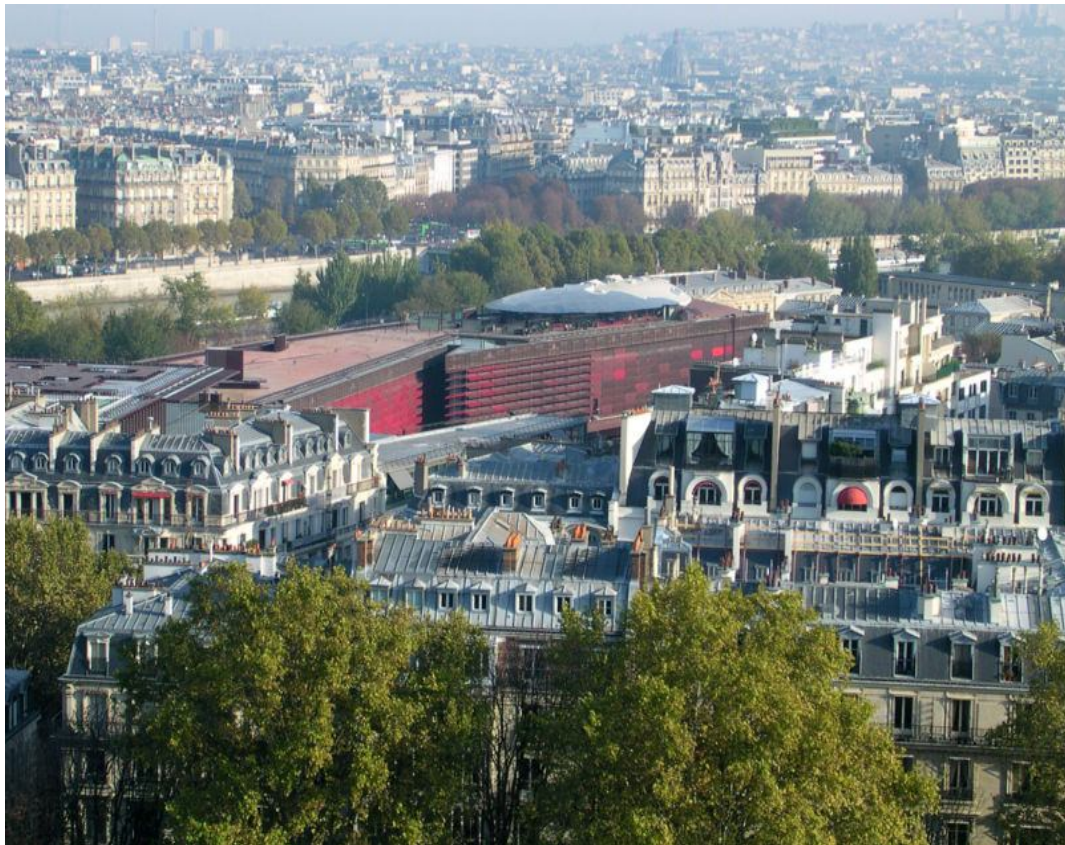
aluno: Daniel Belik

semestre: 1o / 2010

ROTEIRO DE ATIVIDADES DIDÁTICAS

O Musée du quai Branly (Paris, França):

<http://www.quaibranly.fr/en/>



Museu du quai Branly visto do primeiro andar da Torre Eiffel

Breve Explicação Histórica sobre o Museu:

O **Museu do quai Branly** (em francês, *musée du quai Branly*) ou Museu das Artes e Civilizações da África, Ásia, Oceania e Américas, está situado no *quai Branly*, 7º arrondissement (“distrito/região/bairro”) de Paris.

Projeto ambicioso executado por Jacques Chirac¹ e realizado por Jean Nouvel², foi inaugurado em 20 de junho de 2006.

O museu tem uma área de 40.600 m² e conta com um acervo de 300.000 obras, das quais 3500 em exposição. Até fevereiro de 2009, o museu havia recebido mais de 4.000.000 visitantes.

O acervo do museu constituiu-se a partir de antigas coleções de etnologia do Museu do Homem³ e do Museu Nacional de Artes da África e da Oceania. As obras são divididas em grandes zonas continentais (África, Ásia, Oceania e Américas). Além da exposição permanente, o museu promove dez exposições temporárias por ano.

A biblioteca possui importante documentação etnográfica, contando com os arquivos de Georges Condominas, Jacques Kerchache: Grandes etnólogos franceses que foram capazes de acumular coleções particulares consideráveis em suas viagens colonialistas.

Desde 2005, o museu publica a revista de antropologia e museologia *Gradhiva*, fundada por Michel Leiris e Jean Jamin em 1986, dedicada à pesquisa contemporânea em etnologia, história da antropologia, aos arquivos de grandes etnólogos, às estéticas não ocidentais e, atualmente, também às coleções do próprio museu.

¹ Jacques Chirac foi o vigésimo segundo presidente da França precedido por François Mitterrand e sucedido por Nicolas Sarkozy e governou de 1995 a 2002, e em seguida, de 2002 a 2007.

² Jean Nouvel é um importante arquiteto francês. Uma série de museus e centros de arquitetura já apresentaram retrospectivas de sua obra. Ganhou o prêmio Pritzker em 2008.

³ O Musée de L’Homme é um museu etnográfico de Paris e está vinculado ao Museu Nacional de História Natural, localizado na mesma cidade e que apresenta um vasto painel relativo às ciências humanas com itens que vão da pré-história à contemporaneidade.

ATIVIDADE 1

Breve descrição: visita virtual ao museu

Recursos Necessários:

- Computador (Laptop)
- Data-Show e tela para projetar as imagens e as definições
- Caixas de Som para transmitir eventuais vídeos

(obs: na ausência de aparelhos eletrônicos, ou trabalho foi pensado para que o professor pudesse imprimir as imagens e passá-las no retroprojektor para os alunos)

Objetivos e roteiro para o professor:

Existe uma dificuldade para o professor do Ensino Médio da escola pública quando as referências são de museus fora do Brasil e que, portanto, falam outra língua, visto que os professores não tem a obrigação de sabê-la (e muito menos os alunos que irão ter a aula). Deste modo, tentarei traçar um roteiro traduzindo qualquer informação presente na página (de maneira o mais fiel possível) e oferecendo passo a passo, os caminhos que o professor pode seguir na exposição com seus alunos. Tentarei também evitar áudios em outras línguas para que o roteiro não se estenda demais em traduções.

Logo que entramos no site do museu, podemos nos direcionar para o mapa do museu e selecionar uma visita virtual, usando o mapa interativo do museu, como podemos ver neste link abaixo:

http://modules.quaibrantly.fr/plan_interactif/index_en.html

Creio ser este mapa um bom ponto de partida para os professores por dois principais motivos: Através dele pode se ter uma visão geral de todos os pisos do museu, além de apontar o que ocorre em cada um deles. Deste modo temos a divisão, de baixo pra cima, respectivamente, entre: *(anexo o mapa geral dos pisos e o mapa das*

principais coleções (piso das coleções permanentes) impresso, em caso de erro com a internet)

1- Piso do Teatro (atividades culturais e educacionais)

2- Piso de entrada (jardim-galeria)

3- Piso das coleções permanentes (ilustração abaixo)



4- Mezanino (coleções temporárias)

5- Terraço

Como se vê, o Museu do quai Branly oferece diversas exposições simultâneas e que são todas de extremo interesse na área de etnologia indígena, história e arqueologia. A sugestão que dou, portanto, é que o professor visite primeiro a exposição permanente, que dará uma visão mais geral ao aluno, sobre as diferentes culturas e regiões geográficas em que se insere. Isso permite que ele comece a ter uma visão da alteridade existente no mundo e as diferentes técnicas e materiais usados para se fabricar objetos, que por sua vez, darão origem a diferentes formas e

crenças muito díspares. Como citei em meu texto teórico, o movimento que se espera que o professor realize, é a todo o momento “dizer que a cultura de um povo se expressa nas suas práticas sociais, no seu discurso, na sua fala, nas suas diversas formas de manifestações artísticas e, ainda, na criação de objetos que são incorporados à vivência” (p.3)

A exposição virtual, cujo link apontei acima, se configura, então, como um bom ponto de partida. Se começarmos pela exposição permanente, pode-se passar pela Oceania, Asia, África, Americas e, em cada uma dessas regiões temos um objeto específico que a representam, como uma breve explicação sobre sua utilidade para aquele povo. Mesmo fugindo um pouco das limitações impostas pelo meu texto (que se restringe aos índios brasileiros), uma visão mais global de todas as ‘sociedades primitivas’ pelo mundo é bem vinda. Dou um exemplo:

A máscara abaixo foi encontrada no Alasca, no começo do século XX e é constituída basicamente de madeira (pintada) e penas. Está, portanto, inserida, na parte destinada as Américas. Seria possível adivinhar qual sua função? Qual a relação que teria com as estações do ano e a passagem dos dias?



Grande Máscara do espírito da Lua.

Como mostrei em texto teórico anteriormente apresentado, os Wauja delegam as máscaras “a importante função de curar doenças provocadas pelos *apapaatai*, quando estes roubam suas almas.”. As máscaras são reproduções gráficas das visões que *yakapá* tem quando em contato com o sobrenatural. Será que esta máscara pode possuir função semelhante?

Esta imagem, por sua vez, foi encontrada no Vietnã, na Ásia, no final do século XIX, começo do XX e é feita de madeira de *Dipterocarpus*. Sua função era ornar os túmulos. Foi achada em um cemitério, por volta de 1910.



Estátua Funerária

Porque será que ela está com os braços pousados deste modo? E a posição de suas pernas? Esta imagem corporal mostra ou significa alguma coisa?

Como também expus brevemente em meu texto teórico, as esculturas Kambiwá são feitas em madeira e são “incorporações de elementos externos segundo os próprios termos indígenas. Apropriar-se do outro é um modo de afirmação, a reelaboração da identidade não se dá pela negação, mas se faz antropofagicamente, na síntese dialética entre o chamado mundo civilizado e o mundo selvagem” (p. 17)

Estes são só dois exemplos de como o uso de imagens variadas podem servir como analogia para incursões teóricas de maior fôlego já feitas a exemplo de povos no Brasil, e como estas imagens ao redor do mundo também falam coisas em sua estética, que não é simples decoração, ou artesanato indígena. Corroborando um ponto importante do texto teórico, esta comparação entre culturas feita pelo Musée du Quai Branly, em nada se compara ao gabinete de curiosidades feitos na Europa até o final do século XIX. O aprofundamento no significado destas obras e em suas nuances estéticas são capazes de nos fornecer chaves de leitura cosmológicas que são valorizadas pelos

organizadores das exposições, muito mais do que um simples armazenamento comum de ‘exotismos’ e ‘aberrações’, como veremos mais a frente.

Dinâmica Utilizada

Após este breve incursão geral na exposição permanente, o aluno já poderá ter uma ideia do que encontrará no pavilhão das exposições temporárias, e é aqui que nos deteremos um pouco mais. A primeira delas, intitulada “A Fabricação de Imagens” está aberta de 16 de fevereiro de 2010 à 17 de julho de 2011 e pode ser visualizada através deste link:

<http://www.quaibrantly.fr/en/programmation/exhibitions/currently/the-making-of-images.html>



Cartaz da exposição “Fabricação de Imagens”

“A compreensão de imagens está baseada em 4 modelos iconológicos mais importantes criados pelo Homem, que transcendem qualquer classificação geográfica ou cronológica, seja na África, na Europa dos séculos 15 e 16, nos Índios Amazônicos da América ou dos Inuits (Esquimós) do Alaska, até os Aborígenes na

Austrália. A exposição expõe estes 4 modelos – traduzindo as 4 maiores visões mundiais- que são o totemismo, o naturalismo, o animismo e o analogismo. Com o título Fazendo Imagens, o visitante descobrirá os diferentes princípios de descrição, de como cada civilização vê o mundo e o explica. A exibição tomou lugar em uma parceria com o museu do Louvre.” (Introdução à página que apresenta a exposição)

- Recomendo em seguida que o professor acesse a “Visita Flash”, onde a exposição em questão será mostrada rapidamente por meio de slides de peças (vasos, máscaras, desenhos, etc.), gravações; onde, ao clicar em cada uma suas informações e tornam visíveis, ou seja, à qual povo pertence, qual sua função, do que é feita, etc.

<http://www.capzles.com/#/6c2a75d2-8098-490b-8810-948993f37c29>

ATIVIDADE 2

Estratégia de abordagem em sala de aula:

- Como foi dito acima, os objetos selecionados dos quatro continentes possuem relações diferentes com a cosmologia e rituais de cada povo. Um ponto de partida para a abordagem inicial com os alunos é perguntar a eles o que acham de cada uma das imagens representadas.

- a) Que tipo de figura está sendo mostrada?
- b) Que material foi usado para fazê-la?
- c) As cores utilizadas?
- d) Qual a função que este objeto deveria ter/tem na sociedade indicada na legenda?
- e) Quais obras se assemelham mais às que os alunos estão acostumados a ver nos museus e nas ruas? E em suas casas?
- f) Quais as semelhanças e quais as diferenças entre as obras vistas nesta exposição e estas outras, vistas em outros lugares?

Uma breve explicação sobre o que são estas quatro ontologias facilitará o trabalho em sala de aula pois explorará um pouco às concepções existentes do

Homem em relação ao Mundo. Para cada explicação, ilustrarei com uma foto tentando explicá-la, mais detalhadamente. Depois disso, disporei algumas fotos só com sua legenda para que, baseado nos exemplos anteriores, o professor possa fazer um exercício de reflexão e estranhamento com seus alunos.

1- Animismo: “Um Mundo Trazido à Vida”:

A primeira seção de exibição se foca no Animismo, que é a ideia geral de que Não-Humanos tem uma “Natureza-interna humana”. Todo ser – animal, planta, objeto- está familiarizado com uma vida interior, com suas próprias intenções e habilidades para agir e julgar. Por outro lado, a aparência física muda de uma entidade para a outra. O modelo animista faz a interioridade de diferentes tipos de seres existentes visível, e mostra que esta interioridade está fixa em corpos com aparências dessemelhantes.



Tomemos como exemplo este colar de dentes Munduruku. Os índios amazônicos, por exemplo, peça a qual faz parte, não se interessam pela figuração realista dos corpos humanos. Eles transformam os corpos humanos eles mesmos em imagem, prevalecendo os atributos e os motivos animais.

Dentes, folhas e plumas não são simples ornamentação, mas servem para que o humano possa captar esta “essência” animal. Um colar como este confere poder e representatividade a quem o usa, denotando a existência de um espírito animal sempre presente.

2- Naturalismo: “Um Mundo Objetivado”:

A ideia por trás do Naturalismo é oposta com relação ao Animismo. Não é pelos seus corpos, mas pelas suas mentes, que os Humanos se distinguem dos Não-Humanos, assim como, os Humanos podem se distinguir um dos outros por suas mentes, também. Com relação aos corpos, eles estão sujeitos às mesmas leis do mundo natural, e não permite que seres se distingam pelo estilo de vida que vivam, como é o caso do Animismo. Assim, esta visão do mundo, que predominou no ocidente por séculos, deve representar duas características:

- 1- Diferença inerente entre cada ser humano.
- 2- Continuidade física dos seres e das coisas em um espaço homogêneo.



O caso de Homens e Mulheres nobres

Tomemos agora este quadro de exemplo. A pintura que data do século XV feita no norte da Europa também reflete uma maneira muito singular de representar o indivíduo e seu entorno. A imitação da natureza nas representações das paisagens indica uma diferença com relação a quem a pinta. Mas a alma do Homem e a natureza da paisagem fazem parte do mesmo espaço.

3- Totemismo: “Um Mundo Subdividido”:

É um mundo composto por várias classes de seres vivos compostos pelos humanos e vários tipos não humanos, com os membros de cada classe, partilhando diferentes características físicas e mentais que o totem supostamente encarna. A imagem totêmica revela:

- Uma profunda identidade interna entre humanos e não humanos (eles incorporam a mesma ‘essência’ cuja fonte é localizada e cujo nome expressa as características comuns de ambos).

- Uma identidade física (eles são formados pelas mesmas substâncias, são organizados de acordo com a mesma estrutura e tem o mesmo tipo de personalidade e humores).

A Austrália é a maior representante desta crença e o totemismo neste continente é implementado, basicamente, segundo duas estratégias distintas:

- 1- O corpo aparece como se na origem da imagem que ele representa. É, por exemplo, a impressão de um corpo sobre uma pintura.

- 2- Mostra como o mundo foi formado por seres que não podemos ver, mas que deixam pegadas, traços na paisagem. É o que chamamos de “impressões de movimento”.



Pintura acrílica “Sonhos do Fogo”

A figura acima, dos aborígenes do deserto central, efêmeras, representam desenhos na areia. Mais do que imagens fixas, mostram trilhas que se constroem e se desconstroem constantemente.

4- Analogismo: “Um Mundo Misturado”:

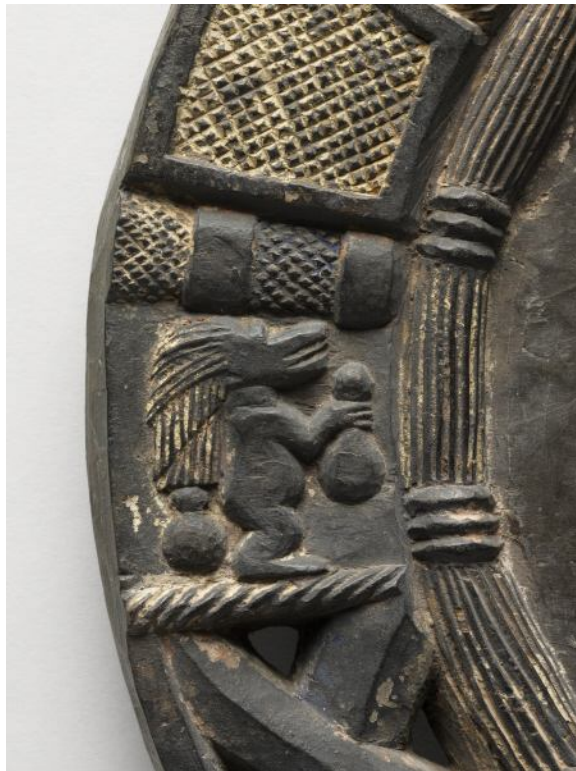
A quarta seção desta exposição propõe que descubramos os modelos iconológicos de analogismo para o público. Um modelo oposto ao totemismo. Acreditar no modelo analógico de ver o mundo é perseguir todos aqueles que ocupam uma posição diferente uns dos outros. Assim, ao invés de emergirem entidades que dividem a mesma substância, na mesma classe (totemismo), este sistema distingue todos os componentes do mundo e os diferencia em elementos singulares.

Neste mundo, em que cada entidade engendra uma única espécie, torna-se impossível habitar e imaginar se nós não paráramos e tentarmos estabelecer correspondências entre componentes humanos e não humanos, bem como das pertes com que eles são constituídos. Por exemplo, dependendo das qualidades que

atribuirmos a eles, algumas características estarão associadas ao quente e outras ao frio; ao dia e a noite, com o seco ou com o molhado.

O pensamento analógico, então, visa estabelecer redes de correspondência entre elementos descontínuos presentes., o que implica multiplicar os componentes da imagem e demonstrar suas relações. No entanto, por mais exatos que a representação dos detalhes for, é menos uma tentativa de imitar perfeitamente o protótipo “natural” com uma existência objetiva, do que reconstruir as teias de afinidade em que este protótipo ganha sentido.

Podemos encontrar inúmeras ilustrações contemporâneas da ontologia animista entre as grandes civilizações Orientais, no oeste da África ou nas comunidades indígenas dos Andes e do México.



Detalhe de um prato divinatório

Este prato indica a figura de Exú fumando um cachimbo e duas figuras antropozoomorfas. A decoração do prato alterna em diferentes estilos também.

É Interessante observar com os alunos estas descrições não são estados fixos que cada grupo possui e nasceu com eles. São muito mais crenças que dão sentido ao mundo que se vive. O texto teórico que fiz, neste sentido, entra tanto como um substrato descritivo

para as discussões ilustradas neste repertório, mas também é ele mesmo, uma ilustração de certas crenças aqui apontadas já que faz uma distinção entre as fronteiras colocadas para a cultura material 'primitiva'.

Previsão de Desenvolvimento e Sugestão de Questões

O exercício a seguir foi pensado para ser desenvolvido em, no máximo quatro aulas de 45 minutos. A ideia é que em cada aula se transmita uma das crenças apontadas acima.

A figura a seguir, por exemplo:



Máscara Fang, Gabão, século XIX, usada para a cerimônia do *ngil* um procedimento de busca por feiticeiros.

- I. O que ela representa?
- II. Ela se encaixa na definição de Animismo? Se não, por quê?

E na de Naturalismo?

- III. E nas outras definições? Esta máscara se encaixa nelas?

E nas próximas duas imagens?

Você consegue identificar as diferenças de representação nelas existentes? Os materiais com que são fabricadas são os mesmos, ou são diferentes?

Você conseguiria adivinhar o uso dado a estes objetos?



Cocar de penas de índios amazônicos



Prato Divinatório



Pintura sobre casca de árvore na Austrália



Santa madalena lendo

Que tal você prestar atenção agora em um objeto que você usa mais, ou que mais gosta (pode carregar junto com você, ou ficar na sua casa). Qual a função que você dá a este objeto? Pra que ele serve? Como ele lhe ajuda a ver o mundo?

Você teve mais facilidade em identificar o último quadro do que as figuras anteriores? Você tem alguma hipótese para isso? Qual a relação que existe entre a Cultura e estes diferentes objetos? Depende do Meio Ambiente? Das pessoas que o fabricam? Da utilidade prática que se dará à coisa? Você se familiariza mais com os elementos nele retratados? Você consegue identificar, desta vez os materiais usados para sua confecção e os possíveis usos deste objeto?

Outros links de Museus interessantes que o professor pode usar (tanto com imagens como em visitas virtuais), que falam sobre Cultura Material e Etnologia:

http://w3.bcn.es/V01/Serveis/Noticies/V01NoticiesLlistatNoticiesCtl/0.2138.65696644_9_674257926_1_752413210,00.html?accio=detall&home= (Museu Etnológico de Barcelona, Espanha.)

<http://www.gobiernodigital.inah.gob.mx/mener/index.php?contentPagina=33> (Museu Nacional de Antropologia do México, Cidade do México)

<http://www.banrep.gov.co/museo/esp/virtuales/arte/default.htm> (Museu del Oro - Bogotá, Colômbia)

ATIVIDADE 3

Professor escolhe dois destes links e faça uma comparação com seus alunos: Selecione uma peça, uma abordagem ou um grupo e investigue:

- 1- Quais as diferenças de materiais entre as diferentes peças e grupos?
- 2- Isso altera ou influencia em sua utilidade?

- 3- Quais as diferenças entre materiais, formatos e concepções que as duas exposições fazem do objeto? O lugar geográfico do museu influencia isso? Ou onde o povo estudado se encontra? Você acha cabível fazer uma relação com a época da colonização, visto que selecionei um Museu Espanhol e os outros na América Latina? Se sim, quais seriam estas diferenças, vistas pela ótica dos artefatos, ou do viés das exposições?
- 4- Fazendo um exercício de estranhamento no tempo e no espaço, porque você acha que o gabinete de curiosidades era tão nocivo às crenças indígenas?
- 5- O roteiro já está traçado para o professor que pode se utilizar de outros inúmeros links de museus que apontei fazendo outras atividades e usando outros elementos que julgar interessantes. Ressalto que não forneci a resposta para algumas questões pois sinalizei o caminho que deve ser seguido. A resposta mais interessante em minha opinião é que o aluno (e o professor) façam este exercício que é de reflexão e estranhamento ao mesmo tempo, para que consigam entender o que pode se passar na cabeça de outras pessoas que as vezes pensam de maneira totalmente diferente da nossa. Esta é a verdadeira arte da antropologia, e é isso que me propus fazer aqui.

ANEXOS: Outras alternativas de materiais que o professor pode utilizar ao tratar este tema

1-



Boneca Carajá

Talvez seja interessante uma aproximação com a realidade brasileira. Neste sentido as pesquisas desenvolvidas no Museu Nacional do Rio de Janeiro, pertencente a Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ, são excelentes (http://www.museunacional.ufrj.br/MuseuNacional/ETNOLOGIA/E_etnologia.htm.)

Este exemplo da boneca Carajá é um bom modelo de crença animista, e que pode ser misturado à explicação de jogos e atividades indígenas. Encontramos um kit de brinquedos indígenas no site do MAE (Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, Brasil) (<http://www.mae.usp.br/>)

2- Coloco em anexo, como opção impressa também, o catálogo do Musée du Quai Branly e o mapa das principais exposições do museu que podem auxiliar o professor ao transitar do módulo permanente para as exposições temporárias.

3- Reproduzo aqui também um mapa completo das áreas indígenas brasileiras, retirado da página do Melatti, cuja referência ilustra muitos povos que citei em meu texto teórico. Este esquema pode ser útil ao professor a medida que pode mostrar para os alunos a diferença existente entre o mapa do Brasil político e o mapa indígena. Pode também ajudar a direcionar a atividade docente quanto a localização de territórios e questionamento a respeito das fronteiras geográficas. Isso por sua vez já indica um link para que se fale de fronteiras cosmológicas, ou crenças entre estes grupos e povos ao redor do mundo de uma maneira geral.